11 de Setembro: Ideologias e Interdições

Antonio José de Pinho[1]

Resumo: Neste artigo é feita uma reflexão sobre recentes acontecimentos da história dos Estados Unidos da América, a saber, 11 de setembro, Guerra do Afeganistão e Guerra do Iraque sob o ponto de vista de Michael Moore em seu documentário *Fahrenheit 11 de Setembro*. Analisa-se a História através desse filme numa tentativa de evidenciar um "conflito de discursos e ideologias", estando de um lado o discurso oficial do governo estadunidense e, do outro, o discurso de Michael Moore. Este procura mostrar a incoerência e a irracionalidade do governo de George W. Bush; já o discurso do governo procura justificar a guerra no oriente médio como o único meio de salvar a civilização ocidental. Analisa-se aqui, pois, esse conflito de discursos.

Palavras-chave: 11 de setembro. Guerra do Iraque. Guerra do Afeganistão. Michael Moore. Análise do discurso.

> Certamente, a verdade igualdade e semelhança assim como a verdadeira e primeira Unidade não são percebidas pelos olhos corporais, nem por nenhum sentido, mas por uma intelecção do espírito.
> Santo Agostinho, A verdadeira religião, 30, 55.

1 INTRODUÇÃO

Um fato muito importante para a Análise do Discurso é que "o ideológico materializa-se no discurso via língua, o discurso sendo o ponto de contato entre o ideológico e o linguístico [...]." (GARCIA, 2003, p. 126) Além disso, parece que a ideologia, que também adquire corpo através do discurso, pensando-se no atual momento histórico, materializou-se nos mísseis teleguiados que caíram sobre o Iraque e sobre o Afeganistão nesse início de século. Entre a necessidade e a ação pela guerra, encontramos a atuação do discurso, e tudo o que nele está, como a ideologia.

Um dos aspectos do filme *Fahrenheit 11 de setembro*, de Michael Moore, é mostrar como o discurso produzido pelas instâncias do poder político norte-americano buscou justificar o uso da força bélica sobre o Iraque, apresentando causas inquestionáveis para o uso da máquina de guerra mais poderosa do mundo. Em grande parte buscamos aqui identificar a forma pela qual do discurso passou-se para a ação na guerra.

2 O CONFLITO DE DISCURSOS

Vemos que, em muitas partes do documentário de Michael Moore, é possível detectar uma grande tensão entre aquilo que *aquilo se mostra no discurso do governo Bush propagado pela grande mídia* e *aquilo que se ocultou*, que foi excluído. O que significa afirmar que nesse filme somos colocados diante de um grande conflito de ideologias e, acima de tudo, de discursos de orientações totalmente polarizadas. Temos de um lado

[1] É graduando da última fase do curso de Letras – língua portuguesa e literaturas – pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e bolsista PIBIC/CNPq do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). E-mail: antoniojp@hotmail.com.

o discurso antibélico do diretor do filme e, de outro, o do governo de George W. Bursh que justifica haver dignos motivos para atuação pela guerra sobre o oriente médio, como, por exemplo, salvar a civilização ocidental do perigo terrorista levando com as armas o modelo ocidental de economia e de governo.

Em grande parte, Moore busca, em sua obra, evidenciar o abismo entre o "discurso oficial" (da mídia e do governo) e as "verdadeiras causas da guerra" mostradas pelo diretor do filme. Para causar tal efeito, Moore vai intercalando imagens de discursos de pessoas do governo como de Donald Rumsfeld, Colin Powell, Condoleezza Rice e o próprio George W. Bush, com entrevistas de deputados opositores, jornalistas que investigaram o fato e falas do narrador mostrando "o outro lado da questão", que para autor do filme é a verdade objetiva, o real histórico. Para usar o termo de Michel Foucault, temos sempre no filme o conflito entre duas "vontades de verdade". Uma do governo que procura justificar a guerra como o único caminho possível para salvar uma civilização inteira, e a outra de Michael Moore que tenta provar que não havia motivos reais para a atuação bélica, fora interesses meramente econômicos que nada tinham de idealistas ou humanitários. É vidente que o discurso oficial[2], mostrado como manipulador, também é manipulado por Moore, pois, por se tratar logicamente de um filme, estamos diante de um produto de edição e de montagem. Sendo assim, o discurso oficial é mostrado pelo filtro do diretor.

Vejamos, pois, algumas frases do discurso oficial que aparecem no filme como justificativas para a guerra do Iraque, e que foram retiradas de discursos públicos e entrevistas coletivas ocorridas em lugares como a Casa Branca ou Pentágono:

> 1) Ele [Saddam Hussein] odeia a América. Esse homem não defende o que defendemos. Ele está disposto a aterrorizar pessoalmente. Ele nos odeia, igual ao Al-Qaeda, por amarmos a liberdade. Além do mais ele tentou matar meu pai uma vez.
> George W. Bush
>
> 2) Falta pouco para que os terroristas munidos de armas de destruição em massa consigam mandar essas armas para as cidades da América.
> Donald Rumsfeld
>
> 3) Saddam Hussein apoia e protege terroristas, inclusive membros da Al-Qaeda.
> George W. Bush
>
> 4) Saddam Hussein está determinado a obter a bomba atômica.
> Colin Powell
>
> 5) Sabemos que ele [Saddam Hussein] tem armas químicas.
> George W. Bush

Tais frases e muitas outras foram produzidas pelo governo e propagadas pela grande mídia nos meses anteriores à guerra do Iraque. O povo norte-americano foi

[2] Doravante denominaremos de discurso oficial o discurso do governo Bush e da grande mídia norte-americana.

exposto a tal discurso diariamente e inúmeras vezes antes a atuação das armas no oriente médio.

Porém essa justificação da guerra pelos grandes meios de comunicação não só afetaram os norte-americanos, mas também no caso da mídia brasileira houve o mesmo. Foram inúmeras as reportagens que tentavam mostrar o lado "bárbaro" dos povos islâmicos do oriente médio. Sempre procuravam ressaltar o atraso social do Iraque e do Afeganistão provocado por governos despóticos, ao menos para os padrões ocidentais. Os meios de comunicações brasileiros, como os norte-americanos, repetindo o discurso oficial – e por este a ideologia – que era defendido pelo governo norte-americano, fizeram-nos crer que nesses dois países o povo vivia em tal miséria e opressão, que somente uma atuação bélica da grande potência econômica ocidental poderia salvá-los, levando-lhes seus valores e instituições: a liberdade, a democracia, o capitalismo etc.

Na formação discursiva que se mostra nos exemplos dados, parece não haver alternativa que não seja a destruição do adversário pela guerra. Vejamos que o discurso desenvolvido pelo governo Bush nos meses que antecederam a guerra constituiu tanto os EUA como defensores da ordem global quanto os Iraquianos em única causa do mal. No discurso oficial nasceram os protagonistas de um novo conflito internacional. Há igualmente a divisão dos sujeitos em dois grandes grupos, usando as novelas como metáfora, podemos dizer que novos "vilões" e "mocinhos" vieram à tona em tais discursos.

No primeiro exemplo é claramente feita a oposição entre amantes da liberdade e amantes da opressão. Junto com conceitos de liberdade convivem também noções de democracia, justiça, igualdade etc. Consequentemente, quem não defende estes valores passa a ser defensor da opressão, da ditadura, da injustiça, da censura, da desigualdade etc. No fundo é repetida a velha e extremamente simplista oposição entre bons e maus dos contos de fadas. E é evidente que ninguém quer ficar do lado dos maus, que no caso não são os EUA, ao menos em sua visão.

A ideologia em questão universaliza, como é da natureza de qualquer ideologia, os conceitos de democracia e capitalismo como a única forma válida e possível de sociedade. Como se estas instituições fossem as mais perfeitas e insuperáveis: o excelente resultado de uma longa evolução histórica. O que, evidentemente, pode ser perfeitamente questionado. Citemos, por exemplo, o fato de que o sistema político democrático (que a realidade é plutocrático) é uma criação iluminista dos tempos da Revolução Francesa. Em consequência, sabe-se muito que a humanidade viveu muito mais tempo sob regimes monárquicos que democráticos. Mas nas frases que citamos, a História é apagada, parecendo, portanto, que a democracia e a forma de vida norteamericanas sempre existiram, sendo a melhor maneira de organizar a sociedade que já apareceu sobre a face da Terra. Para a formação discursiva que se mostra nos fragmentos acima, qualquer outra forma de sociedade é nociva para a ordem e para parte civilizada do mundo.

Foucault (2008) mostra que no interior do discurso que se põe como verdade única (a vontade de verdade) todos os outros discursos são excluídos, em outras

palavras, invalidados. A exclusão do discurso do outro (do "discurso iraquiano", do discurso não ocidental) extrapola o campo linguístico ou das ideias. O outro é literalmente excluído, ou o que é mais grave, o outro é destruído pela guerra. A afirmação do governo de Bush de que o governo iraquiano possuía armas de destruição em massa e que pretendia conseguir a bomba atômica não são em si um mal. Todos sabem que as forças armadas norte-americanas também as possuem. Mas o que faz com que essas afirmações construam a ideia de que o Iraque representa o mal? É o discurso e a ideologia, nos quais os valores ocidentais são tomados como parâmetros universais aplicáveis, portanto, a todos os outros povos. E, para Orlandi, são as ideologias "que permitem que as palavras 'colem' com as coisas." (1997, p. 48) No caso, que o ocidente, sendo "superior", deve dominar – pela guerra e pelo comércio internacional – os povos islâmicos "inferiores", tanto política quanto culturalmente.

O discurso oficial que se produziu desde o 11 de setembro evidenciou, de forma extrapolada, a ideologia segundo a qual o perigo vem do oriente médio. Ou mais, de que os "fundamentalistas islâmicos" odeiam o ocidente e querem destruí-lo. Mas, nisso tudo, por mais que pareça estranho, os ataques de 11 de setembro em si não dizem isso. Mas de qualquer forma é nítido ver, nos exemplos do discurso oficial que citamos, a vontade de se propagar excluindo (apagando) o discurso do outro, tentando mostrar o quão maléfico ele é e como ele nos quer destruir, pois teoricamente possuem armas altamente destrutivas para isso. O discurso oficial do governo Bush, como podemos ver acima, chegou a afirmar seriamente que Saddam estaria tentando obter uma bomba atômica e que possuía armas químicas. Estas afirmações acabam tendo, sem dúvida, o efeito de justificar a atuação bélica, dotando-a de motivações humanitárias e nobres, a saber, a salvação de toda uma civilização. O exército passa a ter, assim, uma função quase que messiânica.

Nesse contexto de guerra formado por um emaranhado de motivações históricas, sociais e econômicas, uma única visão de mundo é verdadeira, uma única forma de sociedade é possível e justa. Portanto, para o discurso oficial propagado pela grande mídia norte-americana, tudo o que é contrário aos valores ocidentais de democracia e de sociedade deve ser corrigido.

É isso o que se mostra no interior do discurso oficial: a salvação de uma civilização contra um grande perigo.

Porém, a edição feita por Michael Moore procura evidenciar a fragilidade desse discurso. Logo em seguida às sequências de frases já citadas, mostra-se Colin Powell afirmando, em fevereiro de 2001, que Saddam Hussein "não tem condições de fabricar armas de destruição em massa. Ele não produz nem armas convencionais. É incapaz de investir militarmente contra seus vizinhos." Qual discurso é o verdadeiro? Pois vimos que o próprio Colin Powell fez a seguinte afirmação pouco antes do início dos bombardeios: "Saddam Hussein está determinado a obter a bomba atômica". A edição do filme deixa claro, portanto, a mutabilidade e falta de coerência das afirmações do governo Bush. Quer dizer, antes de 11 de setembro se diz certa "verdade", e depois as "verdades" já são outras, o que mostra, dessa forma, que eles não falam a verdade.

Qual discurso é o verdadeiro? O de antes ou o de depois dos atentados de 11 de setembro? Esta é a pergunta que o filme provoca no espectador. O certo é que algum deve ser mentiroso – pois um país não pode mudar tão rapidamente – e o segundo é mais realista.

Os acontecimentos históricos deixam claro que a primeira guerra entre os EUA e o Iraque e os ataques aéreos de Bill Clinton destruíram grande parte da capacidade bélica do país. E, com a precária situação econômica e o embargo que seguiram, seria praticamente impossível para Saddam Hussein adquirir armas químicas ou bombas atômicas.

Michael Moore quer mostrar o aspecto mutável ou inconsistente do discurso oficial.

"Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstancia, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa." (FOUCAULT, 2008, p.9) Eis aqui a atuação da interdição. Antes de 11 de setembro não havia sentido querer atacar o Iraque, ou, antes disso, afirmar que seus governantes possuem poderosas armas. Muito menos atacar o Afeganistão. A situação política nesses dois países durante os anos noventa não havia se alterado muito, no poder estavam os mesmos grupos políticos. E também um discurso de ataque contra inimigos que não nos ameaçam, certamente não convence. Mas, após os atentados criou-se uma nova situação, e "novos" discursos tornaram-se possíveis, novos dizeres passaram a ser pronunciados. Foi, portanto, preciso criar alguma relação entre os ataques de 11 de setembro com o Iraque para que a guerra contra este fosse justificável.

Contudo, "tudo não pode ser dito, e o que pode ser dito não pode sê-lo de qualquer maneira." (GARCIA, 2003, p. 127) Um discurso sobre guerra ou da defesa da guerra não pode ocorrer de qualquer maneira. A guerra é um momento de polarização, no qual cada lado vê no outro um perigo fatal. Polarização que atinge também (e principalmente) os discursos. Todos sabem que a guerra não é uma situação agradável e desejável, assim, para que ela ocorra uma significativa causa é necessária. Por isso que a primeira parte da guerra foi uma guerra de discursos, ou melhor, do discurso americano sobre os inimigos do oriente médio, ou ainda, sobre o próprio povo americano, na tentativa de convencê-lo da iminente necessidade da guerra contra as nações islâmicas.

Isto é o que Moore tenta mostrar. O discurso oficial materializa a ideologia da superioridade do ocidente, da superioridade do sistema democrático, do fanatismo mulçumano, de uma nova ameaça atômica etc. Constrói-se um inimigo assustadoramente maléfico e destrutivo e reafirma-se o ideal norte-americano de ser uma espécie de "polícia do mundo" na defesa pela liberdade. Já no outro passamos a ver a ameaça contra toda uma civilização ocidental, cuja existência passa a ser seriamente comprometida pela atuação esquizofrênica do terrorismo. A guerra no discurso justifica-se e não se pode adiá-la, é um mal necessário, ao menos para o governo Bush.

> "O mundo mudou depois de 11 de setembro, mudou porque não estamos mais seguros." (George W. Bush em fragmento de discurso mostrado no filme)
>
> "Entramos no que pode muito bem vir a ser o ambiente de segurança pior do mundo." (Donald Rumsfeld em fragmento de declaração mostrada no filme)

Orlandi (2007) deixa bem claro que não é só o que é dito ser relevante. As omissões, o não dito também significa. Em grande parte, *Fahrenheit 11 de setembro* busca trazer esse não dito do discurso oficial à tona. Para Michael Moore a verdade estará justamente no que se ocultou do discurso dito, ou seja, naquilo que se escondeu da história oficial contada pela versão do governo e pela grande mídia.

No discurso oficial não se faz menção de que exista uma grande motivação econômica por trás dos projetos militares norte-americanos sobre o oriente médio. Mais uma vez, podemos falar dessa tensão entre o discurso oficial que se mostra e aquilo que é ocultado. Claro que essa tensão está sempre presente no filme, mas aqui parece tomar proporções mais significativas. Moore procura, justamente, "resgatar" o discurso que é excluído (interditado) no interior do discurso oficial. Trata-se, é claro, da relação entre a guerra e os interesses econômicos.

O interesse econômico é interditado no interior do discurso de guerra, assim como é interditado dos discursos político de forma geral. Na verdade o discurso de guerra pode ser muito bem concebido como pertencente ao discurso político, uma modalidade deste. Todos sabem que os políticos, na maior parte dos casos, se candidatam a cargos políticos por interesses econômicos: enriquecer raptamente, privilegiar empresas parceiras em licitações, distribuir cargos etc. Campanhas políticas são sempre caras, assim, muitas seriam irrealizáveis se não fossem também financiadas por empresas privadas. O político também é apoiado por um ou mais partidos, ficando atrelado aos interesses dessas empresas e partidos. E qual é, pois, o interesse das empresas e dos partidos? Será sua ajuda gratuita? Claro que não. O político eleito distribuirá os cargos públicos em estatais para os aliados, e as licitações às empresas que o financiaram. Tudo acaba sendo um jogo de trocas. Ninguém desconhece que estes são os mecanismos da atuação política na maior parte dos casos, no Brasil particularmente. Porém estas coisas não são ditas no palanque, e se fossem ditas desagradariam a todos, mesmo (em tese) todos sabendo o que se oculta do discurso oficial. Aquilo que nele aparece é o discurso humanitário e desinteressado. Visa-se no discurso eleitoral sempre o público, o interesse comum, a vontade de mudar as coisas para a sociedade sem pensar em si, mas só no outro. Todos publicamente se mostram quase como voluntários a lutar, sem interesses próprios, pelo bem de todos.

Cremos que não seja preciso dizer aqui da distância significativa entre o discurso eleitoral e a prática política. O mesmo princípio de interdição pode ser aplicado ao discurso da guerra, ou melhor, ao discurso da justificação da guerra.

Já mais ao fim do filme, Bush aparece pronunciando um discurso público no qual faz a seguinte afirmação: "Fizemos uma guerra para salvar uma civilização."

E para justificar a morte de tantos jovens norte-americanos no campo de batalha, afirma que "Eles morreram por uma causa justa, defendendo a liberdade e a morte deles não foi em vão".

Poderia, por acaso, publicamente um presidente da nação mais poderosa do mundo dizer que os soldados morreram injustamente numa guerra que ele mesmo provocou? Poderia ele dizer que a guerra destinava-se a abrir novos mercados e possibilidades de lucro na reconstrução e exploração dos recursos naturais do Iraque? Não, porque a formação discursiva na qual Bush estava inserido não o permitiria isso falar.

Conde, tratando de Althusser, comenta que "a ideologia não tem história e é perene, como elemento essencial para o funcionamento da sociedade [...]." (1999, p. 48) O discurso que se desenvolveu e se propagou – pelo menos da forma com que a recente história dos EUA é contada no filme – atualizou (ou materializou) a velha ideologia da universalidade do conceito de democracia e do modo americano de ser, só que agora sob o foco do enfrentamento do terrorismo. Tendo o comunismo da União Soviética entrado em colapso há mais de uma década, os EUA encontraram novos inimigos sobre os quais convergiram as suas grandes forças ideológicas, as quais continuavam garantindo "o funcionamento da sociedade" de que fala Conde. A "novidade histórica", ou a possível mudança na forma dos discursos oficiais, na verdade, representa o que poderíamos chamar de *perífrase*, ou seja, a repetição do mesmo com outras palavras. De tal forma que não houve uma ruptura discursiva entre o antes e o depois de 11 de setembro.

O não dito no interior do discurso do governo, da relação estreita entre interesses econômicos e as Guerras do Iraque e Afeganistão, é dito no interior do discurso de Michael Moore. Inclusive ele mostra que a causa da guerra é encontrada no próprio discurso dos capitalistas interessados em explorar o Iraque do pós-guerra.

Segundo Moore em seu filme, ainda em plena guerra, a Microsoft, a DHL e outras empresas convidaram a Halliburton – empresa encarregada de reconstruir o Iraque – para uma reunião para calcular quanto poderiam lucrar no Iraque. São mostradas imagens dessa reunião. Vejamos, então, o que dois empresários afirmaram nessa ocasião.

> Tendo realizado esse esforço até mesmo antes da invasão, a liberação do Iraque começou, e vocês da indústria são sem dúvida a parte vital desse esforço. Agradecemos seu interesse. Precisamos de vocês.
> Michael Mele

> Muitos de vocês lutam com pequenos negócios. Como ter uma fatia desse mercado? Os grandes já estão garantidos [...]. A USTDA é para vocês. Logo que o petróleo começar a jorrar e o dinheiro a entrar, teremos muito dinheiro. Aquela é a segunda maior reserva de petróleo do mundo. E dinheiro é o que não vai faltar. E vai ficar melhor. Comecem a fazer negócios, porque vai melhorar muito quando o petróleo jorrar e a receita crescer. E não importa o preço porque o governo vai pagar.
> Youssef Sleiman

O que resta, pois, a se afirmar depois de tão explicitas afirmações? Como temos aqui capitalistas falando para capitalistas, caem todas as barreiras e interdições que impedem o governo e, principalmente, os grandes meios de comunicação de falar claramente ao povo. Desmistifica-se qualquer sentido mais elevado para a guerra. Enquanto Bush tenta enobrecer a guerra, estas afirmações aqui transcritas parecem revelar o outro lado do conflito. Evidencia-se que, no fundo, ou mesmo na superfície, somente há o interesse pelo lucro e pela expansão do capitalismo, mascarado de outras formas.

Moore, na edição do documentário, vai intercalando imagens de Bush e de outras pessoas de seu governo defendendo a guerra e outros discursos como este, revelando as incoerências e fragilidade do discurso oficial. Sem contar as próprias imagens da guerra, em que crianças aparecem mortas, cadáveres apodrecem nas ruas, casas de civis bombardeadas, pais carregam seus filhos mortos, menores têm membros amputados, pessoas inocentes gravemente machucadas sendo operadas, mães choram pela morte dos seus... Enquanto, do outro lado, o governo afirma que os ataques foram bem planejados a fim de que evitassem danos civis. Dizem que se faz uma guerra cirúrgica (higiênica), na qual mísseis teleguiados com precisão atingem alvos militares bem delimitados.

O espectador fica, assim, como que colocado diante do paradoxo, de um momento histórico totalmente contraditório, e até, por que não dizer, extremamente irracional.

3 Conclusão

A questão levantada pelo filme *Fahrenheit 11 de setembro* é, certamente, muito complexa por tratar de relevantes acontecimentos da recente história dos EUA, com repercussões globais. E realmente, quando se fala da realidade social, essencialmente dinâmica e multifacetada, não há como simplificá-la. Atentados terroristas, duas guerras, as causas das guerras, as consequências das guerras e tantas outras questões discutem-se no documentário de Michael Moore. Tal variedade e relevância de temas mereceriam, sem dúvida alguma, uma atenção bem maior, um desenvolvimento mais amplo e uma análise mais cuidadosa; deixando claro, portanto, que este é um trabalho no qual se analisa o discurso como materialização linguística da ideologia, e não um ensaio sociológico.

Em *Fahrenheit 11 de setembro* procuramos observar as tensões criadas entre o discurso chamado oficial e o discurso de Michael Moore. Foi possível observar os mecanismos de atuação na exclusão e interdição nos discursos.

Assim, nos ficou claro que não se pode separar as noções de discurso e poder, ou seja, quem fala quer exercer poder sobre outro. Sempre quando os homens se comunicam estabelecem-se relações de poder, em que ideologias procuram garantir seu status de perenidade, superioridade e universalidade sobre outras ideologias – ou concepções de mundo. Por isso que não pode haver manifestação neutra e desinteressada da linguagem. Constatamos isso não como um dado negativo da

linguagem ou da comunicação humana, mas como um simples fato que regula as relações nas quais a linguagem está em jogo.

A linguagem tem seu efeito construtivo quanto é veículo de propagação de verdades, e seu lado destrutivo quando dissemina erros e justifica crimes. Mas nos dois casos há relações de poder, seja para o bem, seja para o mal.

Estamos, pois, num período em que os discursos se transfiguram em mísseis, tanques e metralhadoras. Em tais contextos é preciso o discurso para justificar o injustificável, para vencer a guerra não só pelas armas, mas também pela palavra.

Não poderia ser mais acertada a afirmação de que

> em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2008, p.8-9)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONDE, Dirceu Cleber. Dois grandes períodos da concepção de ideologia. *Working papers em linguística*, Florianópolis, n. 3, p. 38-52, 1999.

FAHRENHEIT 11 de setembro. Direção, roteiro e produção: Michael Moore. New York: Dog Eat Dog Films, 2004, DVD (122 min).

FOUCAULT, Michael. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17 ed. São Paulo: Loyola, 2008.

GARCIA, Tirza Myga. A análise de discurso francesa: uma introdução nada irônica. *Working papers em linguística*, Florianópolis, n. 7, p. 121-140, 2003.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso*: princípios e procedimentos. 7 ed. Campinas: Pontes, 2007.